

T. S. Eliot e Ferreira Gullar: a dialética da morte em *The hollow men* e Nova concepção de morte

Mateus da Silva Pereira¹

RESUMO: Este artigo irá abordar como os poetas T.S Eliot e Ferreira Gullar, respectivamente inglês e brasileiro, tratam do tema morte em dois de seus poemas. Tendo em vista as premissas teóricas de Philippe Ariès, historiador francês, para o que se entende por morte no ocidente, o texto pretende observar como os poetas se diferenciam no tratamento do tema a partir de seus universos antagônicos resultando assim em duas produções que, ao mesmo tempo em que são distintas, estão, inevitavelmente, dependendo uma da outra para que o significado do trabalho venha à tona.

Palavras chave: Morte; Religião; Poesia.

ABSTRACT: This article will discuss how the poets TS Eliot and Ferreira Gullar respectively English and Brazilian, deal with the topic of death in two poems. Considering the theoretical premises of Philippe Ariès, French historian, for what is meant by death in the West, the text aims to observe how the poets differ in the treatment of the subject from its antagonistic universes resulting in two productions at the same time they are distinct, they are inevitably depend on each other so that the meaning of work to come fore.

Keywords: Death; Religion; Poetry.

O embate agônico entre T. S Eliot e a morte começa nos primeiros versos do poema *The hollow men*. Como se o poeta estivesse observando de seu agouro o rastro deixado pela morte, ele está se excluindo do que há de mundano e carnal na terra e adentrando em mundo de arrebatamentos espirituais e renovação da alma. Ele conforma-se com o cruel estado dos homens pendurados e apoiados em suas descrenças progressivas em um mundo cada vez mais vazio e secular, cheio de ceticismo vulgar e também não acredita na natureza humana que, por si só, é corrupta. Ele enxerga na morte um processo de auto conversão, algo de origem misteriosa e fantástica. Talvez essa seja a abordagem mais pertinente à leitura da obra de Eliot, o eterno sentimento do sublime e do cristão, do místico e do misterioso, das recompensas e dos castigos divinos.

O resultado da morte em Eliot é o vazio, a falta de habilidade com a vida, pouco amor por si próprio e a longa busca pela graça divina para a expiação dos pecados e dos

¹ Graduando do curso de Letras, Licenciatura em Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II. Email: matrimbaud@hotmail.com.

erros. Seus métodos medievalistas talvez tenham sido herdados de Dante. Vemos em sua poesia, não a estrutura dantesca dos intermináveis cantos onde o florentino caminha em busca de si próprio e de sua libertação, mas certamente as imagens contempladas por sua poesia atendem aos desejos do poeta italiano, já que Eliot isola-se do mundo em um outro mundo criado por ele mesmo, guiado só por seus instintos e sua fé, nos círculos oblíquos de suas dúvidas, e tenta a cada verso encontrar a resposta para aquilo que o perturba. O silêncio parece embalar Eliot em suas construções frasais e, lentamente, ele parece adorar os túmulos e os cemitérios numa assustadora visão de um mundo espiritual maligno, cheio de armadilhas e demônios que o impedem de alcançar a expurgação.

A morte aproxima-se silenciando tudo o que toca. Eliot parece estar imóvel diante do pesadelo real: “Fôrma sem forma, sombra sem cor, força paralisada, gesto sem vigor [...]” (ELIOT, 1925, p.45). A morte retirou a vontade e a alegria do poeta, tudo que lhe resta é a apatia. Sua agonia é lentamente destilada. Eliot parece tratar a morte como uma criança no escuro, o medo o paralisa. Em alguns versos percebemos uma latente descrença, sua ironia laica, uma espécie de sátira a si mesmo. Eliot enquanto viajante dos mundos parece não acreditar em sua capacidade de absorver e comportar a essência que lhe falta no espírito. Tentando entender o fenômeno da morte, que para ele é transcendental, acaba sublimando a racionalidade em nome de sua confiança espiritual, mas ainda assim parece não encontrar divindade alguma que possa aliviar seu medo, deixando sua poesia ainda mais desoladora e sombria.

De acordo com o historiador francês Philippe Ariès, a atitude diante da morte pode parecer “quase imóvel” (ARIÈS, 1977, p.31) através de longos períodos de tempo. A partir da perspectiva da sincronia e da diacronia, o autor analisa como a morte é vista dentro das sociedades ocidentais e conclui que, enquanto algumas atitudes estão arraigadas às questões culturais, outras são particulares a momentos históricos peculiares. As representações da morte vão acompanhando as modificações de mentalidade das épocas e se situam em uma particular vontade causar medo ou qualquer outro tipo de reação nas populações do mundo. Os artistas plásticos, os músicos, os romancistas, os arquitetos e os poetas são também responsáveis por essas representações ao longo do tempo, já que, as longas listas de iconografia e textos literários são, talvez, as maiores ajudantes na manutenção da mentalidade a respeito da morte.

O que o autor chama de “morte domada” (ARIÈS, 1977, pg. 31), é o acontecimento da morte visto com naturalidade e precedido por avisos e signos naturais ou convicções íntimas. Ariès utiliza uma vasta erudição literária que vem desde o Dom Quixote e se estende até o século XIX com autores como Tolstoi, para ilustrar esse tipo de mentalidade utilizando a morte dos personagens nos romances e, de uma maneira mais geral, na cultura e no folclore. A cerimônia fúnebre apontada por Ariès como um dos passos importantes na morte de sujeitos na idade média envolve alguns passos como: Lamento da vida, evocação nostálgica de seres e coisas amadas; perdão dos companheiros; pensar em Deus; admitir culpas; homenagear o divino e absolvição sacramental. Essas eram as preocupações populares antes de finalmente partir. A partir disso podemos pensar os poemas dos dois autores analisados dentro de alguns desses passos da cerimônia fúnebre. A busca por Deus ou a aceitação do fim.

Podemos observar em Ferreira Gullar a exata completude desse duelo entre o carnal e o espiritual onde as possibilidades de redenção divina são mínimas frente aos acontecimentos que vão desencadear a morte ou os avisos biológicos. Os tais signos naturais que Ariès aponta em seu trabalho historiográfico são os avisos que a morte dá antes de realmente chegar. Como escreveu Gullar: “Como ia morrer, foi-lhe dado o aviso na carne, um aviso, um sinal, que não lhe veio de fora, mas do fundo do corpo, onde a morte mora [...]” (GULLAR, 2008, p.45). Segundo Ariès, havia uma convicção íntima em cada cidadão diante de penosos estados de saúde ou de situações precárias de vida que lhes “avisava” que a morte estava próxima, excetua-se aqui, lembra Ariès, a morte súbita ou as pestes. Essas, de fato, eram repentinas e não havia possibilidade de prevenção. É importante lembrar que esses avisos não se configuravam como uma premonição mágica sobre a morte, mas, de alguma maneira, o sujeito sabia que a morte estava próxima e aceitava seu destino inevitável. Ariès diz:

[...] Perguntemo-nos primeiro como morriam os cavaleiros da gesta ou dos antigos romances medievais. Primeiramente, são advertidos. Não se morre sem se ter tido tempo de saber que se vai morrer. Ou se trataria da morte terrível, como a peste ou a morte súbita, que deveria ser apresentada como excepcional, não sendo mencionada. Normalmente, portanto, o homem era advertido. [...] Observemos que o aviso era dado por signos naturais ou, ainda com maior freqüência, por uma convicção íntima, mais do que por uma premonição sobrenatural ou mágica [...]" (ARIÈS, 1977, p. 31)

No poema **Nova concepção de morte** vemos um poeta extremamente racional que encara a morte não como frustração ao “reino de sonho” (ELIOT, 1925, p.45) de Eliot, mas como um sinal da decadência carnal ao qual todos estamos submetidos. Dessa maneira, Gullar aproxima-se do pessimismo schopenhauriano ao encarar os momentos de felicidade como “breves pausas” (SCHOPENHAUER, 1851, p. 114) para o sofrimento. A atitude de Gullar diante da morte mostra-se muito mais equilibrada e menos assustada que a de Eliot. Gullar não se intimida diante do fim, enquanto Eliot parece tratar todo o processo como um embate entre a agonia e o sublime, ao mesmo tempo em que ele teme a morte, parece se encantar com o que há de redentor em sua chegada. Essa dualidade entre o medo e o encanto permeia todo o poema de T.S Eliot, enquanto em Gullar percebemos uma racionalidade que não admite nenhuma superstição ou espiritualidade. Percebemos ao longo do poema sua convicção na morte somente enquanto um processo biológico. Gullar diz: “Na medula dos ossos e em cada enzima, que veicula no processo da vida, esse contrário: a morte [...]” (GULLAR, 2008, p.45). O ceticismo do maranhense dialoga fortemente com o que pensa o filósofo alemão Schopenhauer:

A melhor maneira de se consolar, em qualquer infelicidade ou sofrimento, é observar aqueles que são ainda mais infelizes que nós: e isso todos podemos fazer. Mas, em relação ao todo, o que pode resultar disso? Parecemo-nos com carneiros a brincar na relva, enquanto o açougueiro, com os olhos, está a escolher alguns entre eles; pois nestes bons tempos não sabemos que infelicidade precisamente agora o destino está nos preparando: doença, perseguição, empobrecimento, mutilação, cegueira, loucura, morte, etc. A história mostra-nos a vida dos povos, e ali encontra apenas guerras e rebeliões para nos narrar, os anos de paz parecem tão somente breves pausas, entre os atos aqui e ali. Igualmente a vida do indivíduo é uma luta contínua com a necessidade e o tédio, e não apenas no sentido metafórico. Por toda parte o homem encontra oposição, vive continuamente em luta, e morre segurando suas armas. (SCHOPENHAUER, 1851, p. 114)

De acordo com o filósofo alemão, a morte é a “musa da filosofia, sem a morte, seria difícil que se tivesse filosofado” (Schopenhauer, 1819, p.1). Podemos pensar que, a morte espiritual é a musa da poesia de Eliot. Junto com a frustração sexual, esse parece ser o tema que o acompanha ao longo de seus versos. Talvez Gullar dê menos importância ao

tema em nome do seu *carpe diem* visceral. Enquanto Eliot sucumbe ao que chamaríamos de medo, Gullar parece trocar de calçada ao enxergar a morte em sua direção. Ironicamente, ou não, Schopenhauer parece ter algo a dizer ao poeta maranhense, no que diz respeito à “destrutibilidade do ser-em-si”, ou seja, a morte puramente carnal, não tendo nenhuma relação com promessas de vida eterna ou confortos do espírito, mas para Eliot o alemão talvez seja cético demais.

Eliot inicia a terceira parte do poema chamando a terra que pisa de “terra morta” (Eliot, 1925, p. 36). Talvez esse dilema permaneça durante todo o poema: a certeza de que ele está caminhando em um lugar sem vida, entre homens sem essência, sem valor, em um mundo vazio e sem qualquer tipo de crença. Um lugar desolador onde “os olhos não brilham” (ELIOT, 1925, p. 34) e não há esperança. Eliot parece viver a problemática iniciada por Schopenhauer para a morte. Para o alemão o simples fato de estar vivo implica em sofrer, pois temos “receptividade infinita para a dor, mas o mesmo não acontece com o prazer, que tem limites estreitos” (SCHOPENHAUER, 1819, p.113). Ao longo de seu ensaio, o filósofo disserta sobre a importância do sofrer diário e das preocupações na vida para a manutenção da paz na terra. Sem essas angústias cotidianas, o tédio consumiria o homem e a vida deixaria de ter sentido. T.S Eliot parece dialogar com essa afirmação, já que o sentido de sua poesia é essa busca cega que traz o sofrimento e a agonia da dúvida, se não houvesse essa procura, seu texto seria neutro e pouco comovente.

Talvez em Eliot a vida não tenha sentido, apatia sexual, dificuldade de sentir amor, apatia, tédio, noites de insônia e dias de frustração, mas em Gullar sentimos certa falta de tristeza com o fim da vida. Ele parece, muito mais racionalmente, enxergar na morte uma espécie de simples etapa que todo ser humano será submetido e deve aceitar como um aviso, mas sem possibilidade de outra vida. Gullar não vai buscar em religiões ou divindades a resposta para o que ele não sabe e também não parece buscar alguma essência que o preencha, mas prefere muito mais justificar todo seu questionamento a respeito da morte na biologia e na ciência. Poderíamos pensar que Gullar, ao contrário de Eliot, está isento do desespero porque não teme o desconhecido, mas ao lembrar do que disse Kierkegaard, recuamos diante desta proposta:

Assim como talvez não haja, dizem os médicos, ninguém completamente são, também se poderia dizer, conhecendo bem o homem, que nem um só existe que

esteja isento de desespero, que não tenha lá no fundo uma inquietação, uma perturbação, uma desarmonia, um receio de não se sabe o quê de desconhecido [...] (KIERKEGAARD, 1849, p.37)

Adiante Kierkegaard comenta que o pecado é a origem do desespero. Gullar não se importa com a definição do pecado e certamente as imagens religiosas de Eliot desagradam sua objetividade e certamente o deus de Kierkegaard também, mas em uma coisa os três se encontram e concordam: o desespero é a doença até a morte. A função da poesia, de acordo com Harold Bloom, é não sucumbir ao medo, ou desespero, mas sim fazer com que o leitor encontre o antídoto para seu tormento. Nessa perspectiva Gullar e Eliot caminham de mãos dadas, ainda que Eliot fraqueje em alguns momentos, seu tom durante o texto é o de procura do remédio que lhe alivie das dores da angústia e não o de sucumbir ao medo de morrer. Ele escreve “entre o desejo e o espasmo, entre a potência e a existência [...]” (ELIOT, 1925, p. 34). Dessa maneira, Eliot parece não se entregar diante do medo do fim, mas, ao contrário, sempre permanece frio e ambíguo diante de alguma posição radical como a existência divina ou o completo ceticismo. Já Gullar é um pouco mais decidido e não parece alimentar esperança naquilo que nunca viu.

Para Schopenhauer a decisão mais inteligente a se tomar diante da morte é encará-la como vindoura e inevitável. “Cada um *mira a própria morte* como o *fim do mundo*; já a *morte de seus conhecidos* é de fato ouvida com *indiferença*, caso não o afete em *termos pessoais*.” (SCHOPENHAUER, 1819, p. 114). Quando paramos para observar o rio passar, na verdade, o rio é que está a nos ver passar. Porque, depois de nós, o rio estará ali. Mas, não é dessa maneira que homem encara sua relação com o mundo. Donne escreveu: “A morte de cada homem diminui-me, porque eu faço parte da humanidade; eis porque nunca pergunto por quem dobram os sinos: é por mim”. Achamos que toda a vida se resume ao que somos, mas, no fim, estamos destinados a morte, enquanto que, o que vive, não depende de nós. O mundo não morrerá com a nossa morte. Para Schopenhauer o ser humano é frio ao pensar na morte, a não ser, claro, que essa morte afete de alguma maneira sua própria vida. Um parente próximo, uma pessoa amada, alguém que costumamos ter por perto ou uma pessoa que apenas “suportamos”. Do contrário, a morte não parece ser tão terrível, sendo somente mais um fato da vida

rotineira, mais um número na estatística que não nos incomoda a não ser quando lida com horror em um jornal.

Enquanto Gullar parece ter plena consciência de que a morte é certa e não tarda, Eliot parece sentir prazer em definhar e meditar sobre o que há de místico na natureza humana e sua relação com o fim. Ele, talvez, não entenda que, para Schopenhauer, sofrer mais em vida signifique estar mais maduro e mais preparado para a morte. Enquanto o poeta inglês sente conforto em sua inexpressão diante da morte, o maranhense se incomoda com o que há de desconhecido e tenta encontrar respostas científicas que lhe deem segurança para escrever e desvendar o mistério. Gullar fala de enzimas, de ossos, de medula e de pulso, na tentativa de explicar a morte, enquanto Eliot parece achar que seu subjetivo espiritual dará conta de seus anseios diante de seu fim.

Para Sartre, a morte era desprovida de sentido. Um total absurdo. Para ele o homem era imune à morte porque ela se dá no campo exterior não tendo nenhuma relação com sua estrutura subjetiva, pensamos aqui na ideia de ser com seu conteúdo substancial e não sujeito físico carnal. Podemos problematizar o ideal sartriano a partir da perspectiva de Kierkegaard de que todos os homens sentem desespero. Qual o homem é capaz de ficar indiferente à possibilidade de sua própria morte? A morte é pensada como algo natural e exterior, ela diz respeito sempre “ao outro” e nessa perspectiva ela não é temida. Aqui lembramos de Schopenhauer que diz que a morte só é um problema quando se trata da “nossa” morte ou da morte que nos afeta em algum sentido, do contrário somos indiferentes e frios.

Podemos imediatamente pensar nas reações em relação ao aparecimento da morte na vida do sujeito ao longo do tempo. Philippe Ariès dedica alguns capítulos do seu livro ao que ele chama de “a atitude moderna diante da morte”. Nos Estados Unidos no início do século XX o sentimento de encarar a morte com alegria surgiu, o fato de morrer entre “sorrisos felizes e roupas brancas como asas de anjo” (ARIÈS, 1997, p.90) parecia profetizar um tipo de remédio ao sofrimento humano diante da morte. Na modernidade, de acordo com o estudo de Ariès, formou-se um tabu diante da morte por causa do apego excessivo à vida e aos prazeres, tão formalmente estimulados pela nossa sociedade industrial.

Com o desenvolvimento do comércio, da economia e da medicina, a vida passou a ser mais longa e menos sofrida. Logo todas as instituições e aparelhos do estado, a

mídia, a escola e os centros de saúde e bem estar, começaram a incentivar o colorido ao invés do monocromático, o sorriso ao invés do choro e, conseqüentemente, a vida ao invés da morte. Esse louvor ao “sentir bem” não era puro e simplesmente um ato de otimismo e bondade, mas uma das ferramentas de controle de mentalidade social utilizada pelas grandes corporações empresariais e conglomerados financeiros que visavam o lucro acima de todas as coisas.

Ariès mostra que, ao contrário do que acontecia na idade média, onde a morte era muito mais comum e cotidiana, no século XX, e principalmente depois da segunda guerra mundial com o surgimento de conceitos como cultura de massa, passou-se a divulgar a idéia de que a vida era bonita e merecia ser vivida e a esconder o fato de que morrer é algo inevitável. O historiador, nas entrelinhas, deixa claro que esse tipo de otimismo estava intimamente ligado ao ideal de capitalismo das sociedades industriais que buscavam despejar nas famílias toneladas de informação e novos produtos de utilidade pública para criar uma sensação ilusória de felicidade e satisfação interior, incentivando a compra desenfreada e a pouca reflexão a partir da possibilidade de prazer intenso, imediato e letárgico no ato do consumo. Mais gente viva significa mais consumidores em potencial. A vida se tornou um elemento mais que fundamental na sociedade. Esse pensamento também pretende desmistificar, com a ajuda da ciência, qualquer tipo de medo ao desconhecido. A morte não deve ser mais temida porque, além de ser algo que está sempre longe de nós e não requer preocupação, a ciência também está trabalhando para que ela fique realmente cada dia mais distante.

O uso de medicamentos que aliviam dores, retardam o envelhecimento, ajudam a dormir, fazem emagrecer e grandes quantidades de antibióticos e vitaminas que dão uma sensação de mais saúde no corpo, são todos ajudantes da vida, mas, no fundo, todos sabemos que a química nos mata lentamente. Percebe-se então na grande maioria das pessoas, um grande sentimento de repulsa por tudo o que fala da morte ou aparenta ser triste demais em nome desse hedonismo vazio que finge não saber de nossa real situação enquanto seres humanos sujeitos a todas as catástrofes da vida e ao padecimento medicinal:

Partindo das análises precedentes, somos tentados a admitir que o interdito que hoje se abate sobre a morte é uma característica estrutural da civilização contemporânea. O desaparecimento da morte do discurso e dos meios familiares

de comunicação pertenceriam, como a prioridade do bem-estar e do consumo, ao modelo das sociedades industriais [...] (ARIÉS, 1997, p.243)

Os prazeres eram a ordem da vida e não faz sentido sofrer todos os dias, mas lembramos de Sócrates que dizia que não há prazer sem dor. Só conhecemos o doce porque uma vez provamos o amargo, da mesma maneira a alegria e o prazer só são sentidos por causa da morte e do sofrimento. A diferença faz a semelhança. Identidade através da diferença. Aprendemos a dar valor à vida, quando ela merece, a partir do medo de perdê-la. Eliot não tem medo de perder a vida porque, ao que parece já não a possui há muito tempo, durante todo o poema ele enxerga uma “estrela agonizante” (ELIOT, 1925, p. 34) e essa imagem nos remete ao sentimento do poeta em relação ao mundo que vê de longe, seu próprio mundo. Gullar acredita na vida e não luta por ela quando a morte se aproxima. Ele aceita esse destino com naturalidade. Entendemos os dois por suas diferenças, um dialoga com outro em sua dualidade mística, sem o ceticismo de Gullar, Eliot pareceria superficial. Sem a espiritualidade de Eliot, Gullar pareceria esquizofrênico. Sócrates definiu bem as relações entre o que chamaríamos de opostos:

Como é estranho isso que os homens denominam prazer. Ele está intimamente ligado à dor, que acreditamos ser o seu oposto. Embora essas duas sensações não se apresentem simultaneamente, aquele que persegue uma das duas é levado a experimentar a outra. É como se fossem inseparáveis. Agora que me soltaram das correntes, sobreveio-me um sentimento de prazer; o prazer de estar liberto. Ocorreu uma substituição de um pelo outro. (PLATÃO, 1997, p.54)

A modernidade parece querer esconder o que há de horroroso na morte: a deformação, o mau cheiro, o grito, a agonia, as dores. Na idade média seguia-se o lema: “Nascia-se em público, morria-se em público”, mas a partir dos desenvolvimentos econômicos em alguns lugares do mundo, essa ideia foi esquecida e a morte foi ficando cada vez menos pública. Os leitos foram substituídos. Não morre-se mais em casa, mas nos hospitais; tenta-se esconder do moribundo seu real estado de saúde para evitar o espanto, o desespero e o medo. Nas sociedades da felicidade e do bem-estar não há mais espaço para esses sentimentos tão horríveis e obscuros. Observamos o desaparecimento da morte no discurso. Ariès menciona:

Hoje em dia não há mais resquício, nem da noção que cada um tem ou deve ter de que seu fim está próximo, nem do caráter de solenidade pública que tinha o

momento da morte. O que devia ser conhecido é, a partir de então, dissimulado. O que deveria ser solene, escamoteado. É tácito que o primeiro dever da família e do médico é o de dissimular a um doente condenado a gravidade de seu estado. (ARIÈS, 1997, p. 219).

Na idade média a morte era mais comum e mais *teatral*. As condições de vida eram muito mais precárias, as pessoas conviviam com o horror com mais frequência. A medicina ainda não era suficientemente desenvolvida e tudo era muito mais rústico. Morria-se com mais facilidade, a vida era mais efêmera. O próprio estado era mais cruel ao matar. Michel Foucault aponta em seu livro “Vigiar e punir” as atrocidades cometidas em nome de justiça no medievo. As punições eram cada vez mais penosas e usavam de uma criatividade maligna para machucar, fazer padecer e matar. Longos e penosos rituais de tortura e humilhação precediam a morte para os chamados loucos e delinquentes pelo estado. Na modernidade essa morte passou a ser temida, a sociedade não aceita mais esses “castigos”. Criou-se a ideia de humanidade e tem-se a falsa sensação de mais vida com o auxílio da medicina.

Platão encarava a morte como algo extraordinário, a separação do corpo e da alma era um momento único e não devia ser temido. Ao anunciar a “nova concepção” para a morte, Ferreira Gullar parece reviver o ideal platônico para o sentimento perante a morte. Não mais vista como desprovida de sentido ou ligada ao desespero como Sartre e Kierkegaard pensaram posteriormente, mas um novo momento único e que deve ser aproveitado, se isso for possível. Para Platão, morrer é se libertar dos grilhões da matéria. Isso é justamente o que Gullar descreve em seu texto; a libertação da carne, da matéria, o desligamento do corpo, a morte dos órgãos. A morte como um alívio ao corpo e não, como pensava Eliot, ao espírito. Ainda que os poetas entendam a morte, eles não abandonam o tom de penumbra e melancolia ao tratar do assunto em seus poemas.

Eliot e Gullar talvez estejam querendo mostrar que a morte é algo de estupendo para se escrever a respeito, por seu clima de mistério e beleza, mas ninguém quer senti-la no corpo e viver uma vida de escuridão. Podemos pensar como Kafka e achar que, de fato, o sentido da vida é que ela acaba e se entregar diante da morte sem medo. Viveríamos essa escuridão, mas ela seria essencial e consciente. O sofrimento não seria deliberado, então finalmente alcançaríamos o que propôs Schopenhauer ao dizer que a dor é o sentido da vida.

O que o autor de “O mundo como vontade e representação” parece querer mostrar com seu pessimismo é que, se não houvesse morte e, conseqüentemente, finidade, a vida humana não seria possível. O tédio dominaria o mundo e os homens se autodestruiriam, então para o alemão a morte é o elemento fundamental para a manutenção da vida. Dentro dessa perspectiva, percebemos que os poetas, muitas vezes, não tratam a morte como algo deliberadamente mórbido porque percebem que a grande dádiva da vida é o morrer. A beleza de estar vivo e se alegrar só acontecem com a consciência do fim.

A partir disso podemos entender que o pensamento de Sartre para a falta de sentido da morte dialoga com a afirmação do filósofo alemão. Se temos a morte para dar sentido a vida, conseqüentemente, temos a vida para dar sentido ao dia e ao momento da morte. Estamos sempre querendo aproveitar cada momento da vida com medo de não estar vivendo o suficiente por causa do fim, dançando, bebendo, rindo e amando, ou seja, vivemos para a morte. Só amamos por causa da morte. O sentido da vida é a morte. Toda a nossa motivação em “aproveitar o dia” tem origem com a consciência da morte. A felicidade só é possível a partir da ideia do fim, da sensação de que um dia iremos perder toda essa riqueza de prazeres, de saudades e de lembranças. Se o propósito da vida humana fosse existir num eterno retorno de repetições intermináveis, rangeríamos nossos dentes e amaldiçoaríamos o demônio que lançou essa praga. A vida seria intragável.

A filosofia chinesa há milênios entende a dualidade do homem como caráter essencial à sua vida; alegria e sofrimento como elementos que se completam. Pensamos o yin yang como a representação máxima disso, e a poesia é a representação artística para esse conflito. Aqui encontramos a possibilidade de pensar T.S Eliot e Ferreira Gullar como oposições. Seus mundos distintos, um em sua espiritualidade, o outro em sua racionalidade, acabam por unir-se para entendermos os fenômenos de suas poesias.

T.S Eliot sabe representar a morte com elegância, os olhos que ele “teme encontrar” (ELIOT, 1925, p. 34) parecem submetê-lo ao eterno castigo medieval da roda, onde; quanto mais ele se mexe, mais se machuca, quanto mais ele procura entender, menos entende. Nesse sentido Ferreira Gullar é um tanto capcioso e tenta esconder seu medo atrás de sua objetividade materialista, escondendo seu medo nas justificativas da ciência. Podemos até pensar que ele está fora da “universalidade do desespero” (KIERKEGAARD, 1849, p.37), mas como lembrou Kierkegaard “nenhum homem está

isento [...] um medo inexplicável lhe revela a presença interna” (KIERKEGAARD, 1849, p.37). Com Gullar não seria diferente, mas ele parece guardar todo o seu medo para si, enquanto Eliot deixa publicamente levar-se por suas incertezas.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. São Paulo, Nova Fronteira, 1977.

ELIOT, Thomas Stearns. **Collected Poems, 1909-1962 (The Centenary Edition)**. Harcourt Brace Jovanovich; 1st edition, 1991.

GULLAR, Ferreira. **Poesia completa**. São Paulo, Editora Nova Aguilar, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Do Sofrimento do Mundo**. São Paulo, Martin Claret, 2008.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. São Paulo, Nova Fronteira, 1997.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo, UNESP, 2010.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**. São Paulo, Vozes, 2005.